

A participação da fruticultura no agronegócio brasileiro

Marta Aurélio Dantas de Lacerda¹; Rogério Dantas de Lacerda²; Poliana Cunha De Oliveira Assis³.

RESUMO

A fruticultura hoje é um dos segmentos mais importantes da agricultura brasileira, respondendo por 25% do valor da produção agrícola nacional. Nos últimos anos, aumentou sua área a uma taxa nunca visto antes na história. Ampliando suas fronteiras em direção a região nordeste, onde condições de luminosidade, umidade relativa e temperatura são muito mais favoráveis do que nas regiões Sul e Sudeste onde até então eram desenvolvidas. O artigo apresenta uma visão geral do agronegócio brasileiro, evidenciando o setor frutícola. É apresentada a situação geral das principais frutas exportadas pelo país, e a participação destas comparadas a outras exportações agrícolas. Verificam-se os tipos de barreiras enfrentadas pelo setor no processo de comercialização, logo. O objetivo deste, é apresentar os fatores que inibem a inserção da fruta brasileira no mercado internacional.

Palavras-chave: fruticultura, agronegócio, exportação.

ABSTRACT

The fruit crop today is one of the most important segments of the Brazilian agriculture, answering for 25% of the value of the national agricultural production. In the last years, it increased your area to a rate never sees before in the history. Enlarging your borders in direction the northeast area, where conditions of brightness, relative humidity and temperature are much more favorable than in the areas South and Southeast where until then they were developed. The article presents a general vision of the Brazilian agribusiness, evidencing the section fruit-bearing. The general situation of the main fruits is presented exported by the country, and the participation of these compared to other agricultural exports. The types of barriers are verified faced by the section in the commercialization process, soon. The objective of this, is to present the factors that inhibit the insert of the Brazilian fruit in the international market.

Key-words: Fruit crop, agribusiness, export.

INTRODUÇÃO

O Brasil, apesar se ser o terceiro maior produtor mundial de frutas frescas, tem uma inserção inexpressiva no mercado internacional. Em que pese a enorme potencialidade do país, em especial nos mercados de frutas frescas tropicais, e as estimativas otimistas de alguns especialistas do setor, segundo os quais é possível atingir em poucos anos patamares de exportação anuais da ordem de US\$ 2 bilhões com frutas frescas, sem incluir os mercados de sucos e de polpas de frutas (Fernandes, 1998), menos de 1% da produção brasileira atual de frutas frescas é destinada ao exterior. O país participa com menos de 0,5% das exportações mundiais de frutas frescas, concentradas principalmente nas vendas de produtos tropicais. A participação brasileira só é expressiva nos mercados de manga (8,7% do total das exportações mundiais do produto em 1998) e papaia (9,0%). A fruticultura irrigada vem constituindo-se em importante alternativa econômica, promovendo à geração de emprego e renda, enquanto que na exploração de grãos é de R\$ 670 por ha, A fruticultura irrigada varia de R\$ 5.000,00 a R\$

12.000,00 por ha. O objetivo do artigo é verificar o desempenho das principais frutas exportadas pelo Brasil e apresentar fatores limitantes da comercialização, ou seja, as barreiras impostas pelo mercado internacional.

O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

O agronegócio representa, aproximadamente, 21% do total do produto interno bruto (PIB), sendo responsável por 37% dos empregos e por 41% das nossas exportações. É o setor que pode responder mais rapidamente para a geração de emprego no Brasil já que investimentos da ordem de R\$ 1 milhão de reais na agropecuária pode criar até 182 empregos.

Geralmente as vantagens comparativas dos países em desenvolvimento apoiavam-se na grande disponibilidade de recursos naturais e de trabalho barato, atualmente, a adoção de novos conhecimentos científicos e tecnológicos aos setores produtivos e de serviços tem criado vantagens competitivas em economias de indústrias avançadas, ficando a margem destas os países em desenvolvimento.

Na agricultura norte-americana, por exemplo, o emprego de tecnologia permitiu torná-la uma das indústrias mais produtivas e competitivas do mundo. Historicamente, os norte-americanos foram os principais responsáveis pela constituição de duas importantes eras tecnológicas na agricultura: a era da mecanização agrícola de 1920 a 1950, que permitiu aos fazendeiros aumentarem enormemente a produtividade do fator de produção trabalho; a era da agricultura química de 1950 a 1980, que deu o suporte tecnológico para a chamada revolução verde, através do desenvolvimento de uso de defensivos e fertilizantes químicos, aumentando de forma substancial a produtividade do fator de produção terra. A partir dos anos 80, o setor agrícola vem experimentando um novo grande salto tecnológico decorrente de recém denominada era da biotecnologia e da tecnologia da informação. (Brandão, 1998).

O desenvolvimento da agricultura em direção à industrialização seja de insumos ou de produtos é, portanto, o que levou à denominação do agronegócio¹ (agribusiness), para englobar todas as atividades vinculadas e decorrentes da produção agropecuária.

O agronegócio é denominado como a cadeia produtiva que envolve desde a fabricação de insumos, a produção nas fazendas, a sua transformação até o seu consumo. A cadeia engloba todos os serviços de apoio, desde a pesquisa e assistência técnica, processamento, transporte, comercialização, crédito, exportação, serviços portuários, dealers, bolsas, industrialização, até o consumidor final. O valor agregado do complexo agroindustrial passa, obrigatoriamente, por cinco mercados: o de suprimentos; o de produção propriamente dita; o do processamento; o de distribuição; e o do consumidor final.

Neste contexto, e no bojo das transformações decorrentes da globalização e da abertura econômica, o modelo agrícola exportador brasileiro vem experimentando algumas transformações estruturais marcadas entre outras por: saturação do mercado internacional de commodities; margens de lucro decrescentes por unidade de produto; necessidade de maior integração das unidades de produção agropecuárias nas cadeias produtivas; dependência cada vez maior de suporte científico tecnológico na atividade de produção agropecuária; atendimento a novas exigências de padronização e controle de qualidade dos produtos; e demanda por processos de gestão. Além disso, a constatação de que a maior parte da agregação de valor à produção agropecuária acontece fora-a jusante-das unidades de produção rurais, têm mostrado o caminho único a ser seguido pelos produtores rurais quanto o reconhecimento da necessidade de sua inserção nesse contexto-o contexto do Agronegócio.(Brandão, 1998).

Dessa forma, torna-se importante à articulação entre o setor público e o setor privado para a mobilização de toda a infra-estrutura tecnológica nacional, no sentido de prover a capacitação necessária para a inovação tecnológica requerida para a manutenção e o incremento da competitividade do agronegócio nacional.

Com relação às frutas, os fatores limitantes da competitividade dependem tanto do governo quanto do setor privado. Há determinantes internos, relacionados à qualidade, preços praticados, condições de armazenamento e alta perecibilidade. Outro grande problema é a variação de ano para ano do volume exportado, o que implica em baixa confiabilidade dos exportadores do Brasil frente aos importadores estrangeiros quanto à regularidade do fornecimento. Há outros que impedem uma exportação de frutas maior e mais regular, entre os destacam-se os de ordem técnica, econômica, de infra-estrutura e de capacidade gerencial. Além desses fatores, deve-se considerar ainda, a aplicação de barreiras tarifárias e não tarifárias pelos países importadores e a alta carga fiscal média vigente no Brasil.

O conhecimento das regras do comércio internacional, onde alguns países tendem a se organizar em blocos econômicos, buscando complementaridade e economia de escala. Fortalecidos, eles passam a exercer pressões sobre o comércio internacional, com os países em desenvolvimento e os isolados sofrendo o maior impacto.

Essas pressões referem-se, entre outras, a barreiras tarifárias e não tarifárias de proteção ao produtor nacional através de restrições quanto à origem e exigências qualitativas ligadas à defesa sanitária, como forma de bloquear a entrada de frutas em seus mercados. Esses mesmos países são importantes produtores e costumam abrir exceções para a importação somente na entressafra local, usufruindo da produção complementar de outros países, como é o caso da fruta chilena no mercado norte-americano.

A Organização Mundial do Comércio (OMC), procura organizar o comércio internacional com o objetivo de proporcionar maior acesso aos mercados principais, mas existe grande disparidade de forças. O comércio internacional de frutas frescas está dominado por poderosas companhias de comercialização (*trading companies*), com eficientes estruturas de pós-colheita, armazenagem e distribuição, que trabalham atentas às exigências dos países importadores.

As políticas de planejamento e de desenvolvimento, em países como o Brasil, devem buscar o conhecimento das complexas relações de interdependência interna e externa inerentes ao *agribusiness* das frutas e atentar para reduzir, nos fóruns de negociação internacionais, as barreiras protecionistas.

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE FRUTAS

As exportações brasileiras de frutas apresentam uma evolução favorável no início da década (crescimento de 80% do valor exportado entre 1990 e 1992), mas depois permaneceram estagnadas em um patamar de US\$ 100 milhões no restante dos anos 90.

Apenas no ano de 1999 o valor das vendas externas voltou a apresentar um desempenho mais satisfatório, com um total exportado de US\$ 162 milhões, registrando um aumento de 36% em relação a 1998. Dentre os principais produtos, destacam-se a laranja, melão, manga, papaia, banana e maçã, que perfaziam 85% do total das exportações em 1999. Com exceção do papaia, que apresentou uma trajetória crescente, todos os demais produtos tiveram uma evolução irregular ao longo dos anos 90. Os principais mercados externos para as frutas brasileiras na década de 90 foram os países da União Européia, responsáveis por dois terços das vendas brasileiras, seguidos pela América do Sul, com 25%, em especial aos países do Mercosul e os Estados Unidos, com 5% em média do total exportado nesse período.

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE FRUTAS FRESCAS 1990-99 (EM US\$ 1000- FOB)

	1990	1992	1994	1995	1996	1997	1998	1999
Laranja	18.251	17.569	27.208	29.092	20.410	23.092	14.359	21.108
Tangerina	1.417	1.996	1.920	3.243	2.684	4.693	2.523	3.763
Limão	821	1.557	1.492	558	591			
Outros cítricos	598	17	94		22	19	68	107
Melão	9.023	16.330	31.492	16.475	25.327	20.913	28.323	28.733
Uva	2.242	7.662	8.524	10.123	6.296	4.780	5.823	8.614
Maça	2.522	20.624	15.046	6.190	1.787	11.297	55.667	30.153
Figo	591	914	921	1.252	1.739	1.599	1.438	1.535
Caqui	119	130	128	86	148			
Abacaxi	3.113	5.278	6.883	3.784	4.050	3.938	3.853	4.290
Manga	2.879	6.931	17.505	22.135	28.740	20.182	32.518	32.011
Papaya	2.027	2.447	3.766	4.020	4.723	7.277	9.453	13.578
Abacate	316	318	234	148	245	160	155	422
Lima ácida						909	1.423	2.962
Goiaba	211	157	103	169	212			
Banana	8.898	16.689	10.702	3.907	6.227	8.381	11.629	12.518
Melancia	164	603	524	900	1.251	739	1.031	1.798
Morango	78	600	144	58	338	185	64	144
Outras frutas frescas	72	47	2	872	165	146	196	285
Total das exportações	53.553	100.112	126.982	103.193	105.040	108.882	119.033	162.473

Fonte: Secex/Dtic

Na década de 90, com o aumento da demanda mundial, a fruticultura brasileira tomou novo impulso. Projetos de irrigação e avanços tecnológicos proporcionaram também a ampliação da produção de frutas na região do semi-árido nordestino. Além disso, as vendas de maça, mamão, manga, melão e uva consolidaram-se no exterior, o que significou um salto nas exportações brasileiras de frutas *in natura*. Essa maior diversificação deveu-se a grande aceitação que as frutas brasileiras, especialmente aquelas tidas como exóticas, tiveram nos mercados consumidores europeu e norte-americano. Uma amostra é a manga, que despontou em 1996 como a fruta mais exportada pelo Brasil e manteve essa posição até o ano 2000, graças a sua aceitação no mercado da União Européia.

Dessa forma, as exportações brasileiras cresceram em média a uma expressiva taxa de 9,08% ao ano na década de 90. No total, as exportações brasileiras saltaram de US\$ 61,68 milhões em 1990, para uma ordem de US\$ 169,1 milhões em 2000, o que equivale a uma taxa de crescimento médio de 3,49 ao ano.

Apesar disso, o Brasil ainda aparece com uma participação tímida no mercado global de frutas *in natura*, mesmo sendo o terceiro maior produtor mundial e tendo aumentado suas vendas na última década. De acordo com dados da FAO em 1990, por exemplo, as exportações mundiais de fruta *in natura* chegaram a aproximadamente US\$ 12,6 bilhões. Desse total, o Brasil participou com apenas US\$ 61,6 milhões, ou seja, 0,48%. Em 2000, o mercado mundial já atingia a cifra de US\$ 15 bilhões, mas a participação brasileira foi de apenas US\$ 169,1 milhões, ou seja, 1,12%. Exceto para algumas cultivares isoladas como o mamão, que supriu 16,78% da demanda mundial, a participação no comércio mundial da maioria das frutas *in natura* dificilmente ultrapassa 1%. Em 2000, a participação brasileira nas exportações mundiais de frutas *in natura* correspondeu a 1,13% das exportações mundiais.

Comparando com as exportações brasileiras totais, também se percebe a pouca relevância das exportações brasileiras de frutas *in natura*. Durante a década de 90, essas

Vendas representaram em média, apenas 0,26% das exportações, que tiveram participações bem mais significativas nas vendas externas brasileiras durante a mesma década, e exemplo do café, da soja, e do açúcar, 3,96%, 2,91% e 2,63% respectivamente.

PARTICIPAÇÃO (%) DE ALGUNS PRODUTOS AGRÍCOLAS NAS EXPORTAÇÕES TOTAIS. 1990-2000

ANOS	CAFÉ	AÇUCAR	SUCO DE LARANJA	SOJA	FRUTAS IN NATURA	EXPORTAÇÕES TOTAIS BRASILEIRAS
1990	3,52	1,67	4,67	2,90	0,17	100,00
1991	4,37	1,40	2,85	1,42	0,26	100,00
1992	2,71	1,67	2,94	2,26	0,28	100,00
1993	2,76	2,04	2,14	2,45	0,34	100,00
1994	5,10	2,28	2,26	3,02	0,29	100,00
1995	4,24	4,13	2,38	1,66	0,22	100,00
1996	3,60	3,38	2,92	2,13	0,22	100,00
1997	5,18	3,34	1,89	4,63	0,20	100,00
1998	4,56	3,80	2,47	4,25	0,23	100,00
1999	4,65	3,98	2,57	3,32	0,34	100,00
2000	2,83	2,18	1,85	3,97	0,31	100,00
Média	3,96	2,71	2,63	2,91	0,26	100,00

Fonte: FAO e MIDIC

Da produção brasileira de frutas, apenas uma pequena parcela é exportada, sendo a grande parte ainda destinada ao mercado interno. Apenas o melão diferencia-se disso, exportou em 1994 80,3% de sua produção (FAO). Em 2000, o melão e a manga, exportaram 12,48% e 43,58% da produção respectivamente. Quanto as demais fruta que são exportadas dificilmente ultrapassam 2% da produção.

Diversas são as causas que explicam esse fraco desempenho das exportações brasileiras de frutas: os altos requisitos de qualidade; restrições fitossanitárias; barreiras protecionistas; assimetria de informações; falta de coordenação dos produtores; pouco incentivo em divulgação e em pesquisa e; falta de apoio do Governo.

Todos esses obstáculos vêm tornando extremamente seletivo o acesso de novos exportadores brasileiros aos mercados internacionais, principalmente na união Européia.

COMERCIALIZAÇÃO VERSUS BARREIRAS

A fraca performance do país no comércio internacional de frutas frescas é resultado de uma combinação de fatores externos, representados pelas barreiras comerciais e fitossanitárias impostas aos nossos produtos, e pelas deficiências internas de organização da produção e comercialização.

Na área externa, as barreiras tarifárias e não tarifárias utilizadas pelos países centrais continuam a representar uma limitação ao crescimento das exportações de frutas frescas dos países em desenvolvimento. Apesar dos acordos globais de comércio no âmbito do GATT (Rodada do Uruguai) eliminarem uma série de tarifas e quotas, diminuindo a importância destes como entrada de frutas brasileiras nos principais mercados.

As tarifas médias de importação incidentes sobre alimentos e animais vivos em geral, e especificamente sobre frutas frescas são relativamente mais baixas para os Estados Unidos e União Européia, mais elevadas no caso do Japão e especialmente restritivas em países como Coréia e China, apesar das promessas da Coréia e Japão de redução das tarifas de consolidação na esfera da OMC. No entanto, uma serie de artifícios continuam a ser usados pelos países desenvolvidos para levantar barreiras e dificultar o acesso dos produtos brasileiros a esses mercados, como medidas antidumping, de salvaguardas, licenças prévias de importação, quotas, preferências comerciais, etc.

Entre as queixas dos exportadores brasileiros de frutas, pode-se citar como exemplo a existência de preços de entrada irrealis na União Européia e Estados Unidos (Entry Price Sistem), onde a tarifa de importação recai sobre o preço de entrada e não sobre o preço real do produto. Assim, o valor de referencia da laranja, por exemplo, subiu 30% no caso do mercado americano. O sistema Geral de Preferências (SGP), existente na União Européia, por sua vez, descrimina a exportação de algumas frutas brasileiras como o melão, que paga uma tarifa de mais de 9%, contra 0% de outros países, e tarifas especificas no caso da laranja, acrescida de uma taxa que varia de 13% no mês de abril e de 45% de junho a outubro. Da mesma forma, quotas tarifarias tem sido impostas por estes países ás exportações brasileiras de banana, tangerina, laranja, etc.

PROTEÇÃO TARIFARIA MÉDIA - PAÍSES SELECIONADOS

Países	Alimentos e animais vivos %		Frutas %	
	1992	1995	1991	1995
União Européia	9,7	9,7	9,4	9,4
Estados Unidos	3,5	3,9	3,2	3,1
Canadá	2,7	16,9		
México	15	15,7	17,7	19,7
Cingapura	11,5	10,8	0,0	0,0
Japão	24,2	22,2	11,2	10,6
Coréia do Sul	0,0	0,0	43,8	40,4
China	45,0	40,5	56,6	47,5
Colômbia	11,0	11,0	15,0	15,0
Chile	16,7	17		
Brasil	16,2	10,6		

Fonte: UNCTAD apud Martinelli, 2000.

EXEMPLOS DE TARIFAS DE IMPORTAÇÃO VIGENTES EM 1999

Produtos	EUA	UE	Japão
Laranja	US\$ 0,21/kg	Média de 15,5%	16,7% (15/06 a 30/11) e 33,3% (1/12 a 31/05)
Manga	Importação livre	2% (1º semestre) e 1% (2º semestre)	3,5%
Melão	Importação livre p/ a maioria dos tipos ou 23,1% em média tipos especificos	9,5% (1º semestre) e 2% (2º semestre)	5,20%
Uva	US\$ 1,66/m ³ em média	16,4% em média	13,1% em média
Maça	Importação livre	5,3% a 6,9%, dependendo do volume e do valor.	17,50%

Fonte: MDIC apud Martinelli

Mais importante do que as barreiras comerciais e fitossanitárias externas, as deficiências internas de produção e comercialização parecem ser os principais entraves na alavancagem do setor, no sentido de transformar o país em um exportador relevante de frutas frescas no mercado internacional. Apesar destas barreiras ainda representarem uma limitação à entrada de frutas produzidas pelo país nos principais mercados importadores, há uma tendência de redução das tarifas comerciais em função dos acordos multilaterais, assim como ultimamente tem havido imposições menores por parte destes países em relação às normas técnicas e fitossanitárias, permitindo a entrada de produtos brasileiros como maçãs, uvas, mangas e papaias. Isso requer, no entanto, ajustes às exigências mínimas de qualidade e conservação adequadas.

A competitividade do segmento de frutas frescas, em se tratando de mercadorias perecíveis, exige a capacidade de criar e manter estruturas de produção e logística que permitam satisfazer os pré-requisitos de um mercado internacional extremamente seletivo. Nesse sentido, a conquista de novos mercados implica a existência de estruturas que tenham uma grande eficiência operacional, que possibilitem garantir a manutenção da regularidade e a busca pela qualidade de produtos com características compatíveis com a demanda e preferências dos consumidores. Isso requer a montagem de sistemas logísticos sofisticados de tratamento pós-colheita, de transporte e de distribuição, além da produção de frutas com determinados padrões de qualidade, como tamanho, cor, aparência e uniformidade.

Apesar dos avanços obtidos em termos de padronização de produtos e embalagens e exigências fitossanitárias, especificamente os destinados à exportação, verifica-se a existência de uma série de deficiências, apontadas em vários diagnósticos do setor realizados nos últimos anos (Faveret, 1999).

As perdas na colheita e pós-colheita ainda são grandes (estimadas em até 40% em algumas áreas do Nordeste), e os padrões de classificação e embalagem continuam a ser heterogêneos, necessitando uma melhoria das embalagens e a adoção de sistemas de classificação modernos, de acordo com as normas internacionais.

Isso se deve, em grande medida, ao fato de que apesar de dispormos de um mercado interno relativamente expressivo, este se caracteriza por um baixo grau de exigência, em função do reduzido poder aquisitivo de boa parte dos consumidores locais. Internamente, os nichos de mercado mais sofisticados, representados pelas frutas de alta qualidade e diferenciadas, ainda são poucos e de pequena escala. Assim, minimizar a ineficiência e uma maior preocupação dos produtores com a qualidade dos produtos tem ficado em segundo plano.

No entanto, a adoção de medidas que permitam, ao longo do tempo, reduzir estas deficiências na produção e comercialização possibilitaria reduzir custos que poderiam representar uma ampliação do mercado externo. Isto é, poderiam ser adotadas estratégias que combinem a montagem de estruturas exportadoras com o desenvolvimento do mercado interno.(Faveret, 1999).

Estima-se que menos de 10% das exportações brasileiras de frutas sejam feitas por via aérea, devido ao elevado custo das tarifas, o que o torna viável apenas para determinados produtos. O transporte marítimo, por sua vez, tem as suas desvantagens associadas ao longo tempo de viagem (20 dias em média, para a Europa), à baixa frequência de navios adequados ao transporte desse tipo de produto, ao despreparo e os elevados custos dos portos brasileiros e a pequena escala dos volumes exportados.

Estas deficiências associadas à logística poderiam ser parcialmente superadas através da associação de produtores e empresas, compartilhando serviços que permitiram uma maior racionalização do transporte e armazenagem, elevando as escalas de exportação, assim como o poder de barganha e a redução de custos.

Uma das dificuldades apontada pelos produtores do setor e que afeta a competitividade dos produtos nacionais frente aos concorrentes externos refere-se à carga tributária que incide sobre a produção e comercialização de frutas. (Fernandes, 1999). Segundo estudo da ABPM e Profrutas,

apud Fernandes, a carga tributária que recai sobre a maçã e uva nacionais representam 38% e 25% dos preços de venda no atacado, respectivamente, enquanto que para os produtos importados estes percentuais são de 26% e 13%, respectivamente, sendo ainda menores para as maçãs e uvas importadas dos países do Mercosul. O mesmo ocorre com outros produtos, como manga e melão, com vantagens para os produtos importados, que contam ainda com prazos de financiamento mais longos e custos financeiros menores.

Em suma, há um conjunto de dificuldades e deficiências da cadeia nacional de fruticultura a serem superadas se pretendermos participar de forma mais ativa do exigente mercado internacional de frutas. Não obstante, apesar destes problemas apontados anteriormente, existem perspectivas favoráveis para o futuro, especialmente nos mercados de frutas tropicais.

O Brasil dispõe de uma série de variáveis que podem ser usadas a nosso favor com vantagens naturais no mercado internacional, como o clima e a diversidade de produtos. Além disso, o calendário de suprimento de frutas indica que, no caso de algumas frutas tropicais, o Brasil produz na entressafra dos principais países produtores e exportadores, o que lhe permitiria obter vantagens comerciais, como preços mais elevados e um menor número de concorrentes no mercado. O mesmo ocorre no caso das frutas temperadas, onde as oportunidades dos mercados de contra-estação, ou seja, no período de entressafra dos países do Hemisfério Norte, poderiam ser melhor aproveitadas, em especial nos casos de produtos como maçã, uva e melão, onde já temos alguma participação nos mercados externos.

Uma maior inserção internacional do país no mercado mundial de frutas exige, no entanto, a superação dos pontos de estrangulamento mencionados, no sentido de melhorar a qualidade e a produtividade na esfera produtiva e uma organização mais eficiente da comercialização, condições necessárias para transformar nossas vantagens naturais em competitivas. Deve-se não só produzir as variedades de frutas com boas perspectivas nos mercados externos, como também fazer uso do marketing para torná-las conhecidas, incentivar e fazer crescer os mercados de frutas tropicais. Frutas como a papaia e a manga ainda são praticamente desconhecidas pelo consumidor dos países centrais. Na Europa, por exemplo, apenas 3% dos consumidores já provaram uma papaia e 23% uma manga. Campanhas de divulgação como a logomarca "Brazilian Fruit", a um custo de US\$ 6,5 milhões, realizadas em feiras na Europa em 1998, podem tornar mais conhecidas as frutas brasileiras com maior potencial produtivo e de consumo, como papaia e manga, além de uvas de mesa e de melões (Gazeta Mercantil, 1998)

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A razão principal do modesto desempenho brasileiro na área de exportações de frutas é devido os produtos não serem motivados a exportar, pois com um largo mercado interno, pouco exigente e lucrativo.

Além das ações específicas para cada fruta, existe a necessidade de se convencer os produtores a se organizarem para enfrentar os desafios da qualidade e produtividade que existem nos mercados externos, e mais ainda, para atingir uma escala comercial de acordo como os padrões internacionais.

Além de promover o conhecimento e hábitos de consumo de frutas tropicais com mercados ainda pouco expressivos, podemos ser mais atuantes em outros mercados mais importantes, como os de banana abacaxi, aumentando nossa participação no fornecimento desses produtos. Ou ainda como defende Faveret et al (1999), uma estratégia a ser seguida talvez possa ser a combinação da montagem de estrutura de ineficiências, assim como integrando as estruturas produtivas de frutas frescas e de processamento, com uma exportação brasileira de frutas frescas e de processamento, com o objetivo de obter uma maior agregação de valor.

REFERÊNCIAS

- BAHIA. Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária. *Frutas: a caminho de um grande mercado*. Salvador: CER, 1999.
- BRANDÃO, G. E. e MEDEIROS, J. X. Programa de C e T para o desenvolvimento do agronegócio-CNPq. In: *Agronegócio brasileiro: ciência, tecnologia e competitividade*. Brasília: CNPq, 1998.
- BRASIL. Ministério da Agricultura e do Abastecimento. Secretaria Executiva. *Programa de apoio e desenvolvimento da fruticultura irrigada do Nordeste*. Brasília: 1997. Documento básico.
- CARDOSO, Carlos E. L. et al. Fruticultura Tropical: Perspectivas e Tendências. *Revista Econômica do Nordeste*, Fortaleza, v.31, n.1, p. 84-95, jan. mar.2000.
- FERNANDES, M. S. A cadeia produtiva da fruticultura. In: *Agronegócio brasileiro: ciência, tecnologia e competitividade*. Brasília: CNPq, 1998.
- FAVERET FILHO, Paulo. et al. *Fruticultura brasileira: a busca de um modelo exportador*. BNDES, rio de Janeiro, 1999.
- MARTINELLI, Orlando e CAMARGO, J.M. *Limites e possibilidade do Brasil nas configurações produtivas globalizadas das cadeias produtivas globais: as atividades de produção e comercialização de frutas frescas de origem tropical*. Relatório final de pesquisa. Araraquara e Santa Maria, junho de 2000.
- NASCIMENTO, Jean dos Santos. *Competitividade das exportações brasileiras de frutas: uma análise a partir dos obstáculos comerciais encontrados na União Européia*. 2001. 92p. Dissertação (Mestrado em Economia)- curso de Pós –Graduação, UFPB, João Pessoa.
- SILVA, E. M. T. da. *Estudos sobre o mercado de frutas*. São Paulo: FIPE. 1999

¹ O agribusiness é a soma das operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas, das operações de produção nas unidades agrícolas, do armazenamento, processamento e distribuição dos produtos agrícolas e itens produzidos a partir deles.

¹Economista.Mestranda em Economia-PPGE-CME/UFPB-PB. E-mail:

martadantas@yahoo.com.br

² Aluno de Graduação em Engenharia Agrícola – UFCG - PB. E-mail: rogerio_dl@yahoo.com.br

³ Engenheira Agrícola – UFCG - PB. E-mail: polly.cunha@yahoo.com.br